

MELODIA DA IRA

Luciane Said

Editora Penalux, 2020

1

6h40

O barulho das freadas bruscas, da borracha se agarrando ao asfalto, das portas dos carros escuros sem placa sendo fechadas com força e das vozes abafadas dos homens de preto arranha o silêncio do início da manhã na pacata rua Paissandu.

Alheia ao que acontece em frente ao prédio onde mora, a família Fernandes começa mais um dia.

O estranho cortejo imprime uma atmosfera nervosa que contrasta com o cenário bucólico

delineado pelas palmeiras imperiais que ornam todo o logradouro do tradicional bairro do Flamengo.

Pela janela entreaberta, a brisa fresca, típica das madrugadas de outono na cidade do Rio de Janeiro, estremece a cortina de *voile* e faz tremer Rosa que, ao lado de Arnaldo, na cama dupla recostada à parede, abaixo da fresta por onde a folha de uma das palmeiras e o mundo exterior encontram passagem, acorda de um sono tranquilo.

A matilha de preto, armada para confrontar um exército inimigo, vai colocar abaixo, a pontapés, em poucos minutos, a porta do apartamento 601.

6h20

Arnaldo acorda assustado e sacode levemente a mulher. Acorda, amor. Tive um pesadelo. Sonhei que tinha gente lá fora¹. Que eram os cana. Todos em viaturas escuras. Põe a mão no meu coração. Sente só. Minha Nossa Senhora. Que susto! Ficava

1. A canção *Acorda amor*, de Chico Buarque, 1974, é citada de forma recorrente neste capítulo.

imaginando que vinham pegar um ladrão. Mas que ladrão?, pergunta Rosa sorrindo e acariciando o rosto moreno de Arnaldo, ainda bonito aos trinta e oito anos, aquela beleza barbada, cabeluda, desgrenhada e descompromissada dos intelectuais. Sei lá, qualquer um. Chama lá um ladrão, Rosa. Foi só um pesadelo. Volta a dormir. “Chama o ladrão”. Você tem cada uma, Arnaldo. Era só nisso que eu pensava. O teatro está armado, falta só o ladrão. Dos dois lados da cama, em cima das mesinhas de cabeceira, livros disputam espaço com abajures. No móvel à esquerda, uma rosa vermelha repousa sobre *O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte*, o último volume da organizada pilha de cinco. Do lado oposto, a bagunça de livros e papéis toma todo o móvel, continuando pelo chão entre a cama e o armário duplex. Rosa dá uma beijoca em Arnaldo, estica-se para checar a hora no relógio despertador malocado no meio da bagunça do marido, levanta-se e sai do quarto. Para na porta da cozinha e observa, por alguns segundos, como os filhos estão crescidos e bonitos. Bom dia! Dormiram bem? Bom dia!, responde Maria Flor, sem desgrudar os olhos do romance fadado ao

infortúnio entre o ambicioso Eugênio e Olívia. Bom dia!, murmura Bento olhando por cima da revista em quadrinhos da sua heroína preferida, Modesty Blaise. Rosa pega um saco de leite na geladeira, derrama o líquido na leiteira e o coloca para esquentar. Enche a chaleira de água para passar o café e pensa em como o mármore acinzentado da pia é feio. Respira a brisa que entra pela enorme janela que emoldura a cozinha, acende o fogo e, enquanto espera o borbulhar, passeia com os olhos pelo pequeno cômodo banhado pelo sol. Lembra-se pela enésima vez que deve chamar o marceneiro para recolocar o fecho de madeira na cristaleira rústica que herdou da mãe e que guarda as recordações mais felizes da infância passada na fazenda dos avós, em Minas Gerais. Sobre a mesa, emborcadas e arrançadas em círculo, quatro xícaras de café. No centro, um cesto com pão francês, um pote de manteiga e um generoso pedaço de queijo branco disposto em um prato lascado. Detesto louça rachada, lascada, tenho que comprar outro, pensa. Por que você não tocou ontem à noite?, dispara o caçula, interrompendo a metódica inspeção de Rosa. É mesmo, Flor. Todos na festa fi-

caram esperando. Onde você estava? Com o namorado dela, caçoa Bento. Namorado? Quem é o seu namorado?, pergunta Arnaldo, puxando uma cadeira e jogando o jornal em cima da mesa. Flor se levanta, pega a flauta e começa a tocar a melodia de *A banda*. Rosa sorri e segue em direção ao fogão, balançando o quadril no ritmo da música. O pai, encantado, tamborila na mesa. Não vale. Arnaldo dá uma piscadela para o menino, olha para a mulher e cantarola, *o meu amor me chamou*.² Bento indignado, repete choroso, Não vale! A Flor sempre faz isso e se safá. A atmosfera alegre é interrompida pelo barulho de freadas bruscas, de borracha se agarrando ao asfalto, de portas de carros sendo batidas, de vozes abafadas. Arnaldo, assustado, olha para a mulher e para os filhos, se levanta e grita para dentro, Não é mais pesadelo nada. Ele corre para o quarto. Os filhos e a mulher o seguem. Os três param na porta. Arnaldo abre o armário e pega uma muda de roupa. A mulher, percebendo que ainda está dentro da camisola branca de algodão, vai também até o guarda-roupas pegar uma peça

2. Citação da canção *A banda*, de Chico Buarque, 1966.

para vestir. Arnaldo a segura pelos ombros e fala com um tom de gravidade nunca ouvido por Rosa. Se me levarem, tente não sofrer. Se eu demorar muito, convém não ficar esperando. Melhor me esquecer. Rosa desvencilha-se do marido, volta-se para o armário e não mais contém o choro. Não era mulher de se deixar abater, mas de tanto pavor, não consegue formar palavra, muito menos sentença que faça sentido. A solução é gesticular que não quer mais ouvir o que ele tem a dizer. Arnaldo pausa uns minutos para trocar a calça do pijama por uma Lee boca-de-sino e se enfiar num blusão cáqui, com quatro bolsos, de mangas curtas, estilo safári. Flor, abraçada ao irmão, continua paralisada na porta do quarto. Arnaldo pega Rosa pelos braços e a sacode levemente. Acorda, amor. Os cana são brabo e não sossegam. Fique atenta, pode ser a nossa hora. Não discuta. Não reclame. Sei não. Atenção! Rosa o empurra e, abatida, senta na cama, segurando um vestido curto de mangas compridas com punhos brancos, corpo azul e saia trapézio vermelha. Desolada, limpa as lágrimas com as costas das mãos e, entre soluços, lembra o marido de não esquecer a escova de dentes, o sabonete e

o violão. Um barulho estarrecedor, de porta sendo arrombada, sacoleja o pequeno prédio de seis andares. Todos olham assustados para a porta do apartamento no final do corredor do lado oposto à do quarto. Flor dá um beijo carinhoso na cabeça do irmão, agarrado com força à sua cintura, afasta-o e aproxima-se de Arnaldo. Pai, o que está acontecendo? Que barulho é esse? Bento corre para a janela, mas é impedido pelo pai. Eu não vou mentir. Vocês estão grandinhos e talvez tenham que se cuidar por algum tempo. O barulho se torna mais intenso. Rosa continua abatida, chorando sentada na cama. Arnaldo senta-se ao lado da mulher e a abraça. Bento, você tem que obedecer a sua irmã daqui pra frente. Promete? O quê? Rosa reage, levanta-se, pega o menino pelos ombros e olha firme dentro dos seus olhos. Promete? Desatinado, Arnaldo joga todos os livros e os papéis debaixo da cama. Promete, amor? Pro... prometo. Alguém pode me explicar o que está acontecendo?, grita Flor num misto de exasperação e pavor. Vocês vão pra onde? Tudo isso é por causa da maldita política de vocês, não é? Arnaldo, de joelhos, esconde alguma coisa dentro do rodapé. Não sei, não sei se

vamos, se vão nos levar. Se formos, talvez fiquemos algum tempo fora. Flor abre a cortina e vê os quatro carros pretos e o movimento na rua. Assustada, ela se afasta da janela, olha para os pais e murmura de maneira quase inaudível, Eu sabia que isso não ia dar certo. Eu sabia! A menina percebe a mãe frenética procurando algo na mesinha de cabeceira. O que foi, mãe? O que você está procurando? Minha carteira. Querida, se ficarmos longe, vai ser contra a nossa vontade. Você sabe disso, não? Por quê? Por que vocês? Arnaldo e Rosa se olham preocupados. Tenham muito cuidado. Principalmente com o que falam e com quem falam. Por favor! Rosa fecha a gaveta da mesinha de cabeceira com a perna. Mãe, você está nos assustando. Meninos, a mãe de vocês tem razão. Cuidado com desconhecidos. Mais cuidado ainda com conhecidos. Com vizinhos que se façam de amigos, com parentes nunca antes tão zelosos, com pessoas que façam muitas perguntas. Sejam espertos! Flor puxa o irmão para junto de si e desabafa num jorro, Isso é um pesadelo! Só pode ser um pesadelo! Rosa caminha até os filhos e acaricia o rosto de Flor. Não, meu amor, infelizmente não é. Ela se vira



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Electra Std para a
Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2020.
